

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO**  
**1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso**

**Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009**

**DIZERES DO CORDEL: A FORMULAÇÃO DAS QUESTÕES SÓCIO-HISTÓRICAS  
NOS FOLHETOS NORDESTINOS**

Fernanda Moraes D'Olivo  
[fernanda.dolivo@gmail.com](mailto:fernanda.dolivo@gmail.com)

Mestranda  
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

**1. Apresentação**

Este artigo traz algumas compreensões vindas da análise que estamos realizando em nosso trabalho de mestrado intitulado *O poeta e o imaginário popular no cordel: uma análise discursiva de cordéis a partir da década de 40*<sup>1</sup>. Iremos apresentar aqui uma análise que foi orientada pelo seguinte questionamento: como a representação de questões relevantes em diferentes momentos histórico-sociais brasileiros é formulada e (se) significa na literatura de cordel?

Buscamos compreender tal questionamento à luz do dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso de perspectiva materialista, fundado por Michel Pêcheux na década de 60, que pretende compreender os efeitos de sentido no funcionamento discursivo. Para isso, refletimos sobre as condições de produção nas quais os folhetos eram e ainda são produzidos atualmente.

Para a compreensão da questão proposta neste artigo, selecionamos diversos folhetos produzidos a partir da década 40 até os dias atuais, que trazem dizeres acerca de acontecimentos histórico-sociais do Brasil, compreendendo assuntos sobre política, sobre a violência urbana, sobre divórcio e pílula anticoncepcional. Como o período de produção do nosso *corpus* é extenso é interessante apresentarmos aqui um breve panorama a respeito da Literatura de Cordel para mostrarmos as mudanças acerca de autor, de público e de lugar de circulação dos folhetos. Isso é importante para observarmos as condições de produção dos folhetos que constituem o nosso *corpus*.

---

<sup>1</sup> Trabalho de mestrado desenvolvido no IEL/Unicamp, sob a orientação da Profa. Dra. Suzy Lagazzi e financiado pela FAPESP.

## 2. Breve panorama da literatura de cordel de antigamente até os dias atuais

Na década de 40 até, aproximadamente, a década de 70, os cordelistas, assim como os primeiros poetas da Literatura de Cordel, eram homens do povo, que compartilhavam os problemas e as mazelas da comunidade em que viviam. Eles eram, geralmente, habitantes do interior do nordeste, trabalhavam como lavradores, carpinteiros, marceneiros, operários de pequenas fábricas, ou seja, eles exerciam trabalhos não prestigiados socialmente. O público, nessa época, era constituído por pessoas humildes, providas, geralmente, do meio rural, que não possuíam nenhuma ou quase nenhuma educação formal e cujas profissões, assim como as dos cordelistas, não ocupavam um lugar de prestígio na sociedade.

Os folhetos eram circulados em feiras, festas e mercados de cidades interioranas nordestinas. Esses lugares eram pontos de vendas dos cordéis, onde os poetas recitavam as histórias, possibilitando que o público analfabeto tivesse conhecimento do que era dito nos seus versos. Vemos, assim, que o cordel era um instrumento de socialização entre as pessoas e, visto que algumas temáticas apresentavam informações sobre a comunidade e sobre o que acontecia no Brasil, alguns pesquisadores como Kunz (2001)<sup>2</sup>, dizem que os folhetos, além desse papel de socialização, também tinham a função de levar a notícia para o povo.

A partir da década de 70, segundo Curran (1991)<sup>3</sup> e outros pesquisadores da Literatura de Cordel, houve uma mudança considerável em relação ao público do cordel. Os sertanejos nordestinos, interlocutores tradicionais, ainda apreciam os versos dos folhetos, mas houve a inserção de um novo público constituído por “intelectuais, artistas de vários meios de expressão, estudantes de classe média, e turistas com uma curiosidade pelo folclore brasileiro” (CURRAN, 1991, p.572).

Tal mudança não se deu apenas na constituição dos interlocutores, os poeta também mudaram, pois muitos deles frequentaram a escola, sendo que alguns chegaram até à universidade. O meio rural já não é o ambiente em que o cordelista vive, agora o poeta de cordel é urbano. Curran (1991) diz que “encontrava-se já nos anos 70 e 80 um poeta de cordel mais facilmente na zona norte do Rio de Janeiro ou na Praça da República em São Paulo do que no sertão do nordeste” (p. 575). Para sobreviver, eles executam outros trabalhos, como pedreiro, marceneiro, etc, e escrevem e vendem os folhetos quando podem. São também homens antenados na mídia, assistem e lêem jornais e revistas e estão cientes dos problemas da vida moderna. Esse conhecimento é muitas vezes transformado em versos de cordel, como no folheto *Meninos de rua e a chacina da Candelária; A natureza e o homem*, entre outros títulos.

---

<sup>2</sup> KUNZ, Martine. *Cordel: a voz do verso*. Fortaleza/CE: Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001. (Coleção Outras Histórias, v. 6).

<sup>3</sup> CURRAN, M. J. – A Literatura de Cordel: Antes e Agora – in *Hispania*, Vol. 74, no. 3, Special Issue Devoted to Luso-Brazilian Language, Literature and Culture, pp. 570-576, 1991.

A respeito da circulação dos folhetos, podemos dizer que ela não se dá apenas em feiras e festas das cidades interioranas do nordeste brasileiro, como antigamente. Vemos, hoje em dia, os folhetos sendo comercializados em feiras e mercados de grandes centros urbanos, como as capitais nordestinas e lugares como a Feira de São Cristóvão no Rio de Janeiro ou a Praça da República em São Paulo. A recitação dos versos pelos poetas não tem mais espaço nessas feiras. Hoje, o cordelista tem como *marketing* do seu trabalho apenas o título e a capa, que precisam chamar a atenção do público. Outro meio em que, atualmente, há uma grande circulação de cordéis é a Internet. Arquivos como o da Casa Rui Barbosa possuem alguns folhetos digitalizados, e também há sites em que é possível comprar folhetos como o da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Além disso, vemos a presença dos folhetos nordestinos no cinema, como por exemplo, o *Auto da Compadecida*, e também sendo divulgados nas escolas, lugar em que há um discurso de preservação da cultura e do folclore.

### **3. As formulações dos cordéis: a repetição e seu funcionamento**

Em nossas análises iniciais observamos, no conjunto de nosso *corpus*, tanto nos folhetos que trazem histórias sobre a política brasileira quanto nos que falam sobre acontecimentos histórico-sociais, assuntos que são ou foram muito recorrentes na mídia, sendo que os cordéis os trazem novamente com toda a particularidade permitida pela sua poética. Além disso, vimos que em tais folhetos é recorrente uma discursividade pautada pela moral que circula nas instituições do Estado, como a Igreja e a Família.

Vemos em nosso *corpus* folhetos que falam sobre a morte de Getúlio Vargas, sobre o presidente Lula, sobre o Impeachment do ex-presidente Collor, sobre corrupção na política, sobre a chacina da Candelária, sobre a violência urbana, sobre as drogas, sobre o divórcio e sobre os métodos anticoncepcionais. Todos esses assuntos tiveram uma grande repercussão na mídia nacional e nos cordéis, observamos que há uma reafirmação do que já circula na mídia, mostrando críticas já estabilizadas. Ou seja, não há o novo, apenas a reafirmação do que já é posto na mídia. Dessa maneira, as questões sócio-históricas do Brasil trazidas nos folhetos têm a sua configuração pautada pelos dizeres da mídia de massa, como jornais televisivos, por exemplo, configurando sua relação com o senso comum. O cordelista, portanto, fala do comum, do já estabilizado pela mídia, do senso comum.

Observemos os seguintes trechos:

Pegaram o termo mensal/Juntaram ao “ão” de ladrão/E foi aí que nasceu/A palavra mensalão/e chegou para ficar/hoje, onde ela está/indica corrupção.  
(*A palavra Mensalão*)

O cão gritou: “Corram logo/Abram aquela porta ali/Naquela caldeira grande/E me tragam logo aqui/Quatro ou cinco deputados/Especialistas em CPI.  
(*O dia em que P.C.Farias infernizou o inferno*)

Fiquemos todos atentos/Prestando toda a atenção/Pra escolher um candidato/Agora nessa eleição,/Pra dar um voto seguro/Pra não votar no escuro/Pra qualquer Tubarão.  
(*ABD dos Tubarões*)

Agora é a vez do povo/Dar o seu grito de guerra/Com Lula na presidência/O povo serrou o Serra/Foi uma questão de honra/Em respeito a nossa terra.  
(*Lula, de matalurgico a presidente: o operário que virou presidente*).

Porém nesta conversa/Eu mesmo não acreditei/Num CORDEL que escrevi/A todo mundo alertei/Numa linguagem bem simples/Foi mesmo assim que eu falei:

“Cuidado com este homem/verifiquei seu passado/não vá em sua conversa/não seja mais enganado/esse tal Collor de Mello/é candidato safado”.  
(*A CPI do PC: Impeachment do Collor*)

Veja que o homem do campo/Desamparado vivia/Os direitos que lhe assiste/Antes nenhum existia/Nosso Presidente Médici/Foi quem nos deu garantia./(...)/Leia com bem atenção/Veja meu caro leitor/Se for um homem do campo/Trabalha a empregador/Pois todos esses direitos/São para o agricultor/(...)/Leitor guarde este folheto/Não empreste ele a ninguém/Porque o homem do campo/Em qualquer dúvida convém/Ler novamente e saber/O direito que ele têm.  
(*Aposentadoria para o homem do campo*)

Mas se a leitora deseja/Na realidade saber/Como se evita um filho/Sem um mal acontecer.../Vou dar o esclarecimento/Com base, com fundamento,/No seu modo de entender./- Primeira maneira é /de nenhum homem gostar/não querer de forma alguma/com um varão se juntar;/ao depois viva sozinha/trancada numa camarinha/para nenhum homem lhe olhar!/Esta é a única maneira/De evitar, com certeza,/Da mulher não conceber,/Violando a natureza,/O mais tudo não tem nexo.../Quem contraria o seu sexo/Vive no mar de tristeza!  
(*A maneira da mulher não ter filhos*)

Para se divorciar/Precisa estar preparado/Saber mesmo se já pode/Viver doutro separado/E se conscientizar/Para depois não ficar/Fazendo mal assombrado  
(*O divórcio no Brasil*)

Nos recortes feitos em nossos cordéis, encontramos a referência à corrupção, a CPIs, à preservação da natureza, ao ato de votar, à aposentadoria, à pílula anticoncepcional e ao divórcio, questões que foram naturalizadas em discussões sobre a política brasileira, o meio ambiente e a vida social da população. ‘Associa-se a corrupção à política’, ‘no senado todos são ladrões’, ‘a Amazônia é o pulmão do mundo’, ‘a aposentadoria assiste a população’, ‘o uso da pílula anticoncepcional e o divórcio proliferam na sociedade’ são exemplos de dizeres já estabilizados e naturalizados, principalmente pela sua repetição na mídia, o que produz um efeito de senso comum.

Em relação à moral presente no conjunto do nosso *corpus*, conforme já dissemos, é sustentada por discursos de Instituições do Estado, principalmente a Igreja e a Família. Essa moral circula nos discursos do cordel permeando o senso comum que configura os folhetos que trazem assuntos já tratados pela mídia. Portanto, falamos de um funcionamento de repetição, no qual os cordéis reafirmam os dizeres da mídia. A circulação da moral, conforme observamos em nosso *corpus*, fica

visível, principalmente, nas formulações sobre política, sobre corrupção, sobre pílula anticoncepcional e sobre divórcio.

Os cordelistas ocupam uma posição discursiva constituída pela moral e marcada por um efeito de aconselhamento, de incentivo, de estímulo. Para dar visibilidade a tal efeito apresentamos aqui alguns enunciados:

*Fiquemos todos atentos/ (...) /Pra dar um voto seguro/Pra não votar no escuro/Pra qualquer Tubarão; O povo perdeu o medo/ Votou com mais confiança/ (...) / Agora é a vez do povo/ Dar o seu grito de guerra; Num cordel que escrevi/ A todo mundo alertei* são recortes diferentes que nos mostram o autor do cordel ocupando uma posição de conselheiro. Isso se dá pelo fato de que ele alerta, ensina e/ou incentiva o seu público a votar em quem é mais honesto. Esses dizeres de aconselhamento também estão sempre presentes na mídia quando é época de eleição. A exemplo disso, temos as propagandas políticas que clamam pela prática de uma democracia consciente.

A presença da moral se torna também visível em folhetos que tratam especificamente de assuntos da vida social, como o uso de métodos anticoncepcionais e o divórcio, conforme afirmamos acima. Enunciados como: *Primeira maneira é/ de nenhum homem gostar/ não querer de forma alguma/ com um varão se juntar/ (...) / Esta é a única maneira/ de evitar, com certeza/ Da mulher não conceber/ violando a natureza; Para se divorciar/ Precisa estar preparado/ Saber mesmo se já pode/ Viver doutro separado/ E se conscientizar/ Para depois não ficar/ Fazendo mal assombrado/Ao papa eu dou razão/ Aos padres também/ Sou muito amigo da Igreja/ E a Jesus quero bem/ vamos enfrentar a empleita/ lutando é que a gente ajeita/ as curvas que o mundo tem* mostram que há uma forte ligação entre esses discursos e os dizeres da Igreja e da Família nos moldes fortemente tradicionais, que não apóiam os métodos anticoncepcionais artificiais, apenas os naturais, e que são contra o divórcio. Aqui, é importante ressaltarmos que há uma relação mais direta com o discurso da Igreja Católica, que nesses dois casos específicos diferencia-se do que é afirmado como senso comum pelo discurso da mídia, sendo esta a favor tanto da pílula quanto do divórcio. Ou seja, os cordéis têm seus dizeres pautados pelos preceitos morais da Igreja e da Família, mesmo quando isso não se observa na mídia.

#### **4. Considerações finais**

Com as nossas observações pautadas pela análise apresentada acima, já pudemos compreender que os cordéis funcionam na repetição da mídia reafirmando a moral. Mas é importante dizer que, ainda mais forte que a moral que é reafirmada pela mídia, os cordéis repetem os discursos da Igreja e da Família. Assim, a moral se constitui em uma determinação muito forte no discurso dos cordéis, que circula pela repetição. A repetição, seja dos discursos da mídia, seja das discursividades presentes em Instituições do Estado, é um funcionamento interessante nos folhetos, pois legitima a moral como senso comum ao estabilizar os dizeres que circulam nos folhetos. Sendo a moral vista pelos

interlocutores como sendo senso comum, estes não a questionam e a aceitam com uma naturalidade, como se fosse algo que já intrínseco em nosso mundo e em nossa sociedade.